

LAN

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da entrevista: 29/07/2008

Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?

Bem, o meu nome completo eu encurtei, mas seria Lanfranco Aldo Ricardo Vaselli Cortelline Rossi Rosine. Passei para Lanfranco Vaselli nos documentos e para o desenho Lan, que é a forma mais cômoda de dar autógrafa, assinar cheque, tudo é Lan, Lan, Lan, que realmente eu detesto textos compridos, detesto nome comprido, detesto tudo, Lan é o ideal para mim.

E quais eram os nomes e as atividades dos seus pais?

Bom, meu pai era músico, e foi em razão disso, da sua profissão, que nós viemos para a América. Papai é filho de um dos maiores fabricantes de chapéu da Itália, porque a fábrica do meu avô era concorrente da bolsa Lino, e a localidade era Montevarche, uma cidadezinha, uma cidade pequena, industrial, que está entre Florença e Arezzo, figura como Montevarche província de Arezzo, mas na verdade, esta mais perto de Florença. Agora, sempre foi disputada pelos dois municípios, Florença e coisa, e meu pai estudou num dos melhores conservatórios assim de música da Itália, Instituto Ildebrando Pizzetti, aconteceu que, quando Arturo Toscanini, para formar a Orquestra do Metropolitan, de Nova York, viajou para Europa para pinçar os solistas, indicaram meu pai no instituto. E meu pai tinha casado, e estava trabalhando na fábrica do meu avô, aí não conseguiu se apresentar, e ficou muito, mas muito magoado, e principalmente a minha mãe, que como todas as coisas, há noras que não se dão bem com a sogra, aquele negócio. E aí minha mãe disse pra ele: "Próximo convite, vamos aonde for". E o convite veio do Municipal de São Paulo, onde o regente era Lamberto Baldi, que foi regente diversos anos lá do Municipal de São Paulo, e assim caminhamos para a América. Primeiro ponto, São Paulo. Segundo ponto, Montevideú, porque aí depois o papai foi convidado para a Sinfônica de Montevideú. E foi aí que eu me eduquei, e aí que

eu estudei, e onde fiquei até 1948, quando estava na faculdade de arquitetura. Bom, o início, como eu fui me descobrindo desenhista, na verdade, que eu nunca fui um fã prodígio, assim, nunca. Realmente, quando eu descobri o desenho... Na verdade, eu já tinha descoberto no salão de barbeiro, cortando o cabelo, fazendo figurinha com o cabelo que ia caindo na toalha branca. Mais isso, não tinha percebido até que ponto, isso estava formando um desenhista, e sobretudo, caricaturista, em poucos traços, que é a essência da verdadeira caricatura, é a síntese. Aconteceu o seguinte: quando eu passei para o colégio alemão, que é até hoje o melhor colégio do Uruguai, um professor húngaro, no primeiro dia de aula, ele disse: "Bom, cada um desenha o que quiser", e aí eu fiz a caricatura do diretor do colégio que, convenhamos, era uma barbada, era uma barbada, tinha uma orelha enorme, magro, magérrimo, quando cruzava a perna, ele conseguia dar a volta por lá, eu sempre tentei e nunca consegui, aí saiu uma caricatura fácil. Aí, o professor me diz: "Oh Lan, você vai o ano inteiro fazer o curso diferente dos teus colegas, você vai fazer, de memória, todo o plantel de professores do colégio", digo: "Aí, me explica professor, de memória por quê?". Apesar de que eu estava fazendo de memória os desenhos, mais não sabia, qual era a importância de fazer de memória. Aí ele me explicou: "Olha, retratista tem muitos, caricaturistas tem poucos, mas o fato de você trabalhar de memória, é porque você guarda, sua interpretação é subjetiva, e ao mesmo tempo objetiva, é o que todo mundo esta vendo neste personagem, e fica a essência, essa é a verdadeira caricatura". E a partir daí, então, eu comecei, como eu digo, eu ia para o Estádio Centenário de Montevideu para observar os jogadores, sempre adorei futebol, e comecei na reproduzir os desenhos deles. Até que um amigo meu, Danti Picarelli, meu irmão querido, pegou meus desenhos, e levou para o jornal *El País* de Montevideu, que até hoje é o mais importante do Uruguai. E aí me chamaram, e saiu publicado o primeiro desenho meu. Aí aconteceu um negócio engraçado, eu tinha namorado uma moça, porque lá em Montevideu todo mundo, meus amigos, minha família, me chamavam de Franco, mas Franco era uma figura odiosa, por ser um ditador espanhol, e eu estava namorando uma moça, que quando começamos a falar, ela disse: "Que nombre tú tienes?", digo: "Lanfranco Aldo Ricardo, você pode escolher à vontade", e aí ela sai com uma voz muito melosa: "Laan...". Aí me deu um arrepio de raiva assim, Lan, Lan, que isso. Bom, saímos a dançar, era época do bolero, e naquela época a gente dançava "cheek to cheek" com rosto colado, e ela sabia toda a letra dos boleros que iam cantando, e cantava no meu ouvido, desafinando, que é a coisa mais horrorosa do mundo. Eu disse: "Detesto, esse negócio de desafinar", sou filho de músico. Bom, aí quando veio ter que assinar o primeiro desenho, estava toda turma de amigos ali, rodeando assim, já estava na

hora de levar o desenho para o jornal, aí Danti pegou a caneta e tacou "Lan". Custei a me habituar, mas hoje em dia acho fantástico, porque foi o nome que deu muita sorte, na verdade.

Como era o jornalismo no Uruguai?

Muito bom, muito bom, jornalismo uruguaio, aliás, o jornalismo rioplatense era muito bom, era muito bom. Na época, temos que levar em conta que Uruguai, primeiro, foi o país, onde aprendi a democracia, o que é realmente o espírito de um país democrata. Nós, estudantes, parávamos o presidente na rua, para discutir o jogo de futebol, e a gente discutia com ele mesmo, ele era torcedor do Penharol, eu era torcedor do Nacional, e saía aquelas discussões assim, que o árbitro era ladrão, todas as coisas assim, isso com o presidente da República. E zero de analfabetismo no Uruguai, as leis uruguaias, naquela época, era chamada "A Suíça da América Latina", é um país que até hoje tem uma formação muito boa, porque o sistema de estudo no Uruguai comporta um humanismo muito forte, o estudante no Uruguai estuda literatura, há uma influência muito forte da cultura espanhola, aliás, como em toda a América Latina, a Espanha está presente. O estudo no Uruguai, como eu digo, se preocupa com muitas coisas, enriquecendo a cultura do estudante.

O que mais lhe influenciou nas artes, na época?

Em relação ao desenho, eu acho que o que mais me influencia, até hoje é música, às vezes eu digo, se eu fosse um violonista como Baden Powell, se eu fosse assim, digamos, um saxofonista como Charlie Parker, eu trocaria a música pelo desenho, porque a minha paixão sempre foi a música, e não sei desenhar sem a música de fundo, um playback, sinto falta, sinto falta da música quando eu sento na prancheta pra trabalhar. Por isso que eu digo, a literatura me enriqueceu de outra forma, mas a música, que é minha paixão até hoje, é muito importante, na minha vida foi muito, mas muito importante. Há muitos lances assim ligados a meu pai, que meu pai achava que naquela época, que era a música, o jazz assim, era uma coisa estranha pra ele, ele detestava isso, ele músico erudito, ele tinha um quinteto de sopros, digamos, e a gente discutia sobre isso, até que uma vez eu convenci ele, "Vai ver Escola de Sereias, um filme de Esther Williams, onde está Harry James", que era um tremendo tropentista, aí papai começou a respeitar os músicos de jazz, aí começou a prestar a atenção. Então, em contrapartida, quando eu fui para Buenos Aires, quando ia Montevideú, eu ouvia música erudita com ele, quando ele ia a Buenos Aires visitar, jazz a noite inteira. Então, foi um relacionamento muito bonito com meu pai, que me ajudou muito. Nesses programas do Artur da Távola eu vi tantas coisas exatamente como meu pai tinha me mostrado pela primeira vez,

comentando sinfonias, comentando o meu favorito até hoje, Stravinsky, que esteve na minha casa em 1933, quando viajou a Montevideú. Então, é isso que posso te dizer em relação ao que possa ter influenciado o ritmo do meu desenho. O único livro que eu fiz até agora na vida, tem tantos projetos, mas eu também sou muito preguiçoso, eu sempre deixo pra depois o que poderia fazer. Mas quando você trabalha em jornal, e principalmente, com mais de 30 anos fazendo charge política, a partir do Collor, que depois vou fazer a história do Collor, você tem que se atualizar lendo o jornal inteiro para ver qual é a notícia de destaque, traduzir isso no tamanho de uma pílula para o público, sempre desdramatizando a realidade, procurando isso, ou a crítica, fazer a crítica certa, aonde eu sempre fui contrário a agressividade, eu sempre fui a favor da crítica do homem público. Bom, como eu digo, a charge política, perdi o fio do que estava falando, me ajuda...

Porque você não faz livros, mas você estava contando justamente o quanto dá trabalho esse fazer nos jornais.

Exato, exatamente. Então, acontece uma coisa, que quando você consegue fazer a sua charge, o trabalho do dia, você acha que já cumpriu com suas obrigações, está cansado e, sobretudo, quando se faz charge, driblando a ditadura, driblando a censura. Isso tem um episódio, até engraçado, em mil novecentos e... Era governo Geisel, começo do governo Geisel, me convidaram para uma palestra na PUC de Porto Alegre, o tema da palestra era "A charge como expressão gráfica no jornal", como crítica, expressão crítica, na verdade. Lá vou eu. Aí me sentaram em frente a 400 alunos de jornalismo e comunicação, e quem é que estava do meu lado aqui, o general do Primeiro Exército, do outro lado estava o reitor, do outro lado estava sei lá quem da Secretaria de Educação, então, a parte maior estava lá, e o general ao meu lado aqui. Aí comecei com aquele lero-lero, falando da caricatura, com Alcir, a origem da caricatura política, já as primeiras expressões no Egito, e daí pra frente, e estou sentindo que está chegando o momento de abrir os debates para as perguntas, e já tinha visto um camarada na primeira fila, aquele típico, típico estudante super esquerda, cabelão, tinha os óculos como John Lennon assim, redondinhos, como usava na época, eu achava que ele tinha cor verde o camarada. Não deu outra. Quando abriu, digo: "Bom, e agora vocês me façam as perguntas que quiserem". O primeiro a levantar o dedinho foi esse, olha a pergunta, sacanagem cara, aí disse: "Como pode sobreviver a charge política num regime ditatorial?", e eu com o general aqui ao lado. Bom, engoli seco, olhei pra ele e digo: "Olha, você é muito jovem, e com certeza não viu jogar o Garrincha, o Garrincha foi o rei do drible, driblar, driblar, driblar, e fazer gol, ou fazer que outro fizesse o gol. O trabalho nessa situação que você indicou", já chutei pro lado de lá, "Nessa

situação a gente tem de ser o Garrincha e conseguir o objetivo, que é a mensagem para o leitor, aonde existe o desafio da inteligência do autor e a inteligência do leitor, que tem de pegar a mensagem, porque não pode deixar de ser crítica a charge política". Eu já expliquei isso a muitos políticos, inclusive, e ao próprio Andreazza, que não era fã da caricatura, da charge. Dos políticos que eu conheci, foi Delfim Netto, Delfim Netto tem coleções de charges minha e do Chico Caruso, o Delfim é aquele negócio "Falem mal de mim", como dizia Ronaldo Bosco, "Mas bota fotografia ao lado". Ele tinha noção de como promove a caricatura o político, mesmo sendo criticado, porque você não faz a caricatura de um vereador sei lá de onde, porque não é uma expressão, digamos, todo mundo conhece, não! A caricatura firma o homem publico como homem de importância dentro da política, você pode ser contra ou a favor, mas na verdade projeta a coisa, e Delfim sempre teve essa noção. Quando ministro da Agricultura, o assistente dele me telefonava me dando sugestão de charge para eu esculhambar ele como ministro, e era Delfim que mandava a sugestão. Então, pra você ver que o homem público, quando inteligente, sabe perfeitamente que, mesmo sendo criticado, a charge está fazendo um favor a ele mesmo e, sobretudo, mostrar que não havendo maldade, não havendo, eu sempre falei com meus colegas uma coisa, você não pode, para mim são todos meninos hoje, você não pode usar a sua simpatia partidária, beneficiando só os seus, ou então não criticando os seus, e só fazendo a coisa ao contrario, não pode. O caricaturista, o chargista político tem de ser rotador, tem que ser. E por falar em charge, vou contar um episódio engraçado. Em certa ocasião, porque infelizmente, a nossa polícia militar é tradicionalmente, o que acontece hoje, já vem acontecendo há dezenas de anos, então, fiz uma charge, me lembro naquela época, não tinha o chapão Lan em cima da minha seção, tinha escrito charge de Lan embaixo. Então, fiz uma mulher chateada com o filho, o marido, sei lá, bem vagabundo, queria dizer: "Vê se arranja um emprego, nem que seja na polícia militar", pra quê? Um tempo depois, vai o repórter do *Jornal de Brasil* entrevistar o comandante-chefe da polícia militar lá na Evaristo da Veiga. Aí recebido, ele disse: "Eu não dou entrevista ao *Jornal do Brasil*". Em cima da mesa dele tinha a minha charge, embaixo do vidro que cobria o papel, "Eu não dou entrevista, por uma razão, por este cara aqui, até eu prender esse tal de charge, não dou entrevista nenhuma", quer dizer, está perseguindo a charge até hoje. Episódios assim, na vida de um desenhista de imprensa, de chargista, mas são tantas, e tantos, e tantas que não dá para detalhar muito. Gostaria de outra pergunta.

Por que você se mudou para a Argentina?

Bom, é um episódio interessante, esse eu vou contar, depois você, em todo caso, cortam quando montam, vão cortando mais... Aconteceu o seguinte: eu estava trabalhando no país, em Montevidéu, e uma dondoca da sociedade uruguaia, quis ser a madrinha da minha primeira exposição, no Country Clube de Cantegril, Punta del Este, um lugar super grã-fino. E convidou pra ser a madrinha, me convidou para morar na casa dela durante 15 dias, lá em Punta del Este. E eu no maior entusiasmo, falei com meus pais, e meu pai sempre céptico nessa coisa, "Por que de uma dondoca... e você vai, você vai, então tá, problema é teu, mas vai levar um dinheiro por via das dúvidas, não é pra você gastar não viu". E ele me deu 200 paus. Naquela época o peso uruguaio era bastante forte, e lá vou eu com meus quadrinhos, com minhas caricaturas, chego lá às dez horas da noite. Ela tinha me falado: "Bom, na hora que você chegar, me manda chamar, que te levo pra casa". Aí, noite, tinha o porteiro do country, e eu digo: "Você pode chamar dona Elza Lessa[?], não sei quantos apelidos ela tinha, sobrenomes. Ele foi, e tardou, 10, 15 minutos, 20 minutos, aí aparece ela e o marido, o marido dando um chute na bunda, chamando ela de tudo quanto é nome, de vagabunda, de sei lá, uma coisa assim, e eu sendo a única testemunha, com meus quadrinhos, que é que vou fazer com isso? Queria dizer: "Buenas noites senhora", não dava pé, não dava nem para fingir que não vi, porque foi na minha frente. Aí digo: "Bom, acabou o convite, acabou tudo, mas eu não volto a montevidéu sem fazer a exposição". Agora, na véspera, o jornal tinha feito meia página do *El País*, dizendo: "El pive Lan, parte para o sucesso", com um título desse bem exagerado. Digo: "Com que cara volto a Montevidéu?". Não dá. Aí foi a primeira, por isso que acho muito importante esse momento, porque é o primeiro passo determinado por mim mesmo, sem ajuda dos meus pais, sem a proteção de ninguém, estou sozinho no bosque do Cantegril, com minha malinha, meus quadrinhos, digo: "Não, tenho de tomar uma decisão", e foi a primeira grande decisão da minha vida, que depois virou internacional. Fui ao hotel Nogaró, que era o melhor de Punta del Este, perguntei ao gerente, não, "Quanto é a habitação?", "Dez pesos, dez pesos", me dá um quarto, aí fui para o quarto. No dia seguinte falei com o gerente, digo: "Por gentileza, tem alguma sala pra fazer exposição aqui no hotel?", ele disse: "Não, não temos sala para exposição, mas você querendo fazer exposição na sala do cassino, tudo bem", "Então tá". Aí liguei para este meu amigo querido, Danti Picarelli, eu digo: "Terá que vir me ajudar para montar a exposição no cassino". Ele veio, lembro inclusive, eu senti uma vergonha, ele tinha deixado uma mensagem oral naquelas caminhotes que recorrem os balneários, dizendo quais são os eventos do dia, essas coisas. Eu estava na praia, era meio-dia mais ou menos, ele já tinha voltado a Montevidéu, e aí a voz do alto-falante dizendo: "Esta tarde, en el hotel Nogaró, a las 18 horas, la exposiciõn del

grand caricaturista internacional, Lan”, e eu afundava a cara na areia com uma vergonha, achando que todo mundo estava olhando pra mim, ninguém me conhecia poxa, mas era uma vergonha... E aí foi, aconteceu, aconteceu, no cassino, e comecei a ouvir os barulhinhos das fichas, tic, tic, tic, assim tal, “Abran el juego señores” e todo mundo botando as fichas, aí “No vá más?”, aí não vale, aí, “Colorado”, ele disse: “Oito”, colorado ele disse oito. Aí eu ia no meu quarto, pegava dez pesos, e jogava, perdi, fiquei só com quarenta pesos. E já era o terceiro dia, ia pagar daqui a quatro dias, tem que pagar o hotel, e já dava para quatro dias só, estava, digo “Nossa, eu não posso recorrer a meu pai, mas de jeito nenhum. Pedir emprestado a quem?”. Mas era dia 18 de fevereiro, dia do meu aniversário, digo: “Ah não! Ah não! Eu tenho que festejar o meu aniversário de qualquer jeito, tem 40 pesos ainda, vou ver como eu me viro depois”, aquele negócio de “depois eu me viro”, que alias me acompanha a vida toda, “depois eu me viro”, sempre foi assim. Aí, o que é que aconteceu? Eu fui lá, aí botei, tinha um blazer de alpaca inglesa, que mamãe tinha comprado pra mim, fazendo combinação com a calça marrom, era bege com um marrom esplêndido assim, alpaca inglesa, botei aquele lencinho de fresco, e fui lá para a boate La Fragata. La Fragata era a melhor boate de Punta Del Este na época. Aí me abotoei no bar, primeira coisa no bar, pedi a bebida dos tesos, que é gyn tônica. Gyn tônica você vai botando um gelinho, vai botando... E dura, dura horas, até virar água completamente, tem muito tempo, morro tesos, mas não perco a pose. Aí o quinteto de jazz, quando bateu meia-noite, escureceu a boate, e pimba! Um refletor em cima de mim, e o quinteto, esse começa a cantar: “Happy birthday to you, happy birthday to you, happy birthday Lanfranco...”, “Pô, Lanfranco sou eu! E esse refletor que foi? Quem é que sabe do meu aniversário?”. Era o baixo do quinteto que foi criado comigo, que o pai dele, músico, era colega do meu pai na sinfônica, e foi assim que larguei o gyn tônico, e passei a tomar uísque até de madrugada, convidado por todo mundo. Era já umas seis horas da manhã, aí veio falar comigo o crooner da Santa Paula Serenaders, que era uma orquestra de jazz argentina, que estava tocando num outro hotel lá... “Me gustan mucho tus dibujos”, gostava muito dos meus desenhos, e ele queria que eu fizesse uma caricatura dele, e que quanto eu cobrava, aí eu fico: “Quanto vou cobrar? Sei lá quanto vou cobrar, não sei quanto pode assim”, “Bom, mas eu quero comprar um quadro teu”, eu digo: “Bom, quer saber de uma coisa? Estou com quarenta paus”, aliás, menos, não sei quanto eram dois, um peso, que tinha que pagar o gyn tônica, e digo: “Fiquei tesos, joguei tudo na roleta, que vou fazer? E não tenho peito para ligar para o meu pai me mandar mais grana, porque não tem disso”, “Mas qual é o problema?”, “Pô, mas como é o problema? Eu tenho que pagar o hotel”, “Bom, começa por fazer a minha caricatura, que eu vou trazer toda

a orquestra Santa Paula, o Quinteto de Oscar Alemão, os croupier todos aqui do cassino daqui, é tudo argentino, e todo mundo, e você vai fazer a caricatura, quanto? Quanto você precisa por dia?”, “Ah! Bom, quanto eu preciso por dia? Tem o negócio... Bom, dez hospedagem, tem que almoçar, tem que tomar, a noite também, tenho que comprar cigarros, tenho que ir a boate, porque a boate não podia deixar de vir a boate, boate dava, uns 40 pesos”, “Tá bom, 40 pesos. Vou convidar já, já, já os outros para você poder pagar sábado, a...”. E foi assim que eu passei trabalhando em Punta Del Este, isso do 18 de fevereiro, que é meu aniversário, até fim de março, fiquei, e meu pai me telefonando, “Tem que vir aqui, você não fez nenhuma prova no mês de fevereiro na faculdade, coisa assim”, eu digo: “Calma pai, eu estou ganhando dinheiro, vou fazer o quê?”. Eu já tinha juntado, inclusive, os 200 que ele tinha me dado, e fiquei, foi assim... Aí, o que aconteceu? Conheci o grande Divito. Divito, além de ser um tremendo desenhista, maravilhoso, era dono da revista *Rico Tipo*, que até hoje eu considero a revista mais completa em termos de humor, humor sem política, sem política, porque também na época de Perón ninguém podia fazer política, a não ser que falasse a favor do peronismo, coisa assim, e me convidou, me disse: “Olha, se você for a Buenos Aires, vai me ver, porque eu achei muito bonito os teus desenhos”. Eu já achei isso que era um convite, que era um convite maravilhoso. Cheguei a Montevideú, e digo: “Divito me convidou”, e papai já fechou a cara, aí mamãe me deu a maior força, “Mas dá um tempo a ele, para ver se...”, então meu pai resolveu, ele disse: “Muito bem, você vai, seis meses pra me demonstrar que isso que você está escolhendo é uma profissão, vou te dar um dinheirinho para cigarros, para uns refrigerantes...”, aquele negócio assim, “E vai morar na casa da minha irmã”, “Tudo bem”. E foi assim. E vou a Buenos Aires. Em Buenos Aires, a primeira coisa, crente que estava abafando, pego meus desenhos, levo pra *Rico Tipo*, na redação diagonal norte, me lembro sempre, me atende um tal de Bonelli, que era o secretário de Divito, aí me disse: “Não, pode deixar os desenhos que o Divito está muito ocupado”, “Mas você falou com ele que sou aquele desenhista de Punta Del Este?”, “Não, falei sim, mas ele está muito ocupado”, foi um balde de água gelada. Digo: “Bom, dancei”, mas digo: “Não vou, assim como não quis voltar a Montevideú, não volto a Montevideú também desta vez, vou ficar ralando, vou ver como é que me viro”. Aí passou um mês, dois meses, três meses, e nada, eu ia já pela Corrientes, com um desânimo, meninos, que vocês não têm idéia, ia chutando meu ânimo [risos], do jeito que eu estava. Aí, no terceiro mês, mamãe me escreve dizendo: “Tem um fã teu, que é médico, um médico jovem, que é namorado da minha aluna Violeta, e quer encontrar você, quer te conhecer”, “Tudo bem”. Então, a gente marcou um encontro na saída do metrô, lá de Corrientes, em 09 de julho, e

aí começou uma amizade maravilhosa. Ele era residente no hospital Rawson, ele tinha se formado fazia pouco tempo, e era, como eu digo, trabalhava no hospital Rawson. Aí a gente começou a sair juntos, e coisa, e nos jogos de futebol íamos com a ambulância para entrar dentro do campo, para não pagar ingresso, porque estava meio durango kid, né? Eu com o guarda pó de enfermeiro, e ele médico, claro. E foi assim que eu fui me familiarizando com os jogadores argentinos da época, Labruna, Lusto, Martino, Mendes, Suélio, enfim. E enquanto ele estudava na casa dele, eu ficava lá com ele, eu ia desenhando os jogadores, com suas características e pose, que por sinal, eu entrei em toda a imprensa, em qualquer lado, sempre pela página esportiva, com o futebol. Aí já estava no quinto mês, eu já estava preocupado, digo: "Vou ter de voltar a Montevidéu, vou ter de me formar arquiteto", estava me faltando dois anos para eu me formar. Aí vem o Gianni, este meu amigo, feliz da vida, trás uma garrafa de cidra, "Bom, vamos festejar!", "Vamos festejar o quê?", "Lan, acontece uma coisa: está sendo inaugurada a revista *Goles*, de um jornalista famoso Enzo Ardigó, viu os teus desenhos e quer que você vá falar com ele quanto antes, porque a revista vai ser lançada agora, daqui a uns 15 dias, e quer você para fazer as capas da revista". Você pode imaginar, para quem estava... Fiquei numa felicidade enorme. Bom, cheguei na casa da minha tia, e a minha tia me disse: "Olha, telefonou um senhor, Emílio Rúbio, que é diretor de notícias gráficas de *Buenos Aires*", que era um vespertino, muito bom na época, "E quer falar com você, antes de você falar com Enzo Ardigó". Quer dizer, lá fui eu, ele disse: "Não, não, não, mira aqui... Olha, garoto, tem uma coisa, Enzo Ardigó é meu amigo, mas ele vai lançar uma revista, você vai fazer um desenho por semana, e você trabalhando aqui no *Notícias*, vai ter que trabalhar todos os dias, é muito mais interessante para você, profissionalmente. Além de tudo, Evita Perón me nomeou diretor da *Editoria Haynes*, que tem *El Hogar*, *Mundo Argentino*, *Mundo Deportivo*, *E! Mundo*, *Caras y Caretas*, e você vai trabalhar em cinco revistas lá, com salário", porque lá era por categoria, "De primeira categoria, em cada uma delas". Nunca ganhei tanta grana em imprensa como nessa época, com 23 anos. Claro que chegava no fim do mês ficava sem um no bolso, porque eu gastava tudo, nesse particular, sempre fui um devasso, mesmo como boêmio, 23 anos, trabalhava o dia inteiro, saía à noite, e voltava às sete horas da manhã, lá para o meu apartamento, que além de tudo, tive uma sorte enorme, porque o adido cultural da embaixada da Itália era amigo do meu pai, e ele foi transferido e transferiu pra mim o apartamento dele, no coração do centro de Buenos Aires. E foi assim que começou a minha vida em Buenos Aires, intensíssima, muito trabalho, muita farra, muitas namoradas, muito tudo. E foi assim. Eu devo reconhecer que, mesmo hoje, aos 83 anos, que fui um afortunado, muito afortunado na vida. Eu

acho que Deus foi muito bom comigo, mas muito bom comigo, porque agora vem a parte brasileira.

Você falou que Evita Perón tinha designado o diretor do *Notícias Gráficas*...

Emílio Rúbio.

Como responsável também pela Editora Haynes. O Perón dominava a imprensa naquele período?

Ela dominava a imprensa Argentina, Evita, Evita teve casos assim, que eu vi, presenciei, Evita era terrível, essa áurea de santa, que perdura até hoje, até virou ponto turístico, no cemitério da Recoleta, todo mundo vai visitar o túmulo da Evita. É uma figura realmente fantástica, eu a conheci na redação de *Notícias Gráficas*, e não era alta, era relativamente baixa, muito charmosa, não era aquela beleza que todo mundo pode imaginar não, o que se destacava pra mim, a coisa que mais me chamou a atenção, a mão dela, foi a mão mais bonita que eu vi na minha vida, era uma coisa linda a mão dele, e o jeito dela, o jeito que cativava, como cativou a maior parte do povo argentino. Agora, quando precisava fazer uma chantagem, ela fazia, com a maior tranquilidade. A Fundação Eva, Maria Eva Duarte Perón, era dedicada às crianças, e nesse particular ninguém pode discutir a obra social que ela fez, fantástica, mas ia tirando dinheiro de tudo quanto é jeito, extorquindo os grandes empresários, os grandes empresários todos tinham que botar a graninha. Mais tarde, teve um grande chantagista no Brasil, que foi o Chateaubriand, que pra montar aquele Museu de Arte Moderna ele achou os grandes empresários, e bom, mas isso não vem ao caso, não quero atropelar. É que uma lembrança puxa outra lembrança, eu, na minha vida, sempre fui uma coisa assim, cheio de acidentes de percurso, que me desviaram de um lado, de outro, coisa assim, principalmente as mulheres são responsáveis por isso, muito acidente de percurso, meu Deus do céu! O último, graças a Deus, foi com a Olívia, eu tinha horror de casamento, mas aprendi com o Mièle, uma coisa que ele dizia: "Sou contra o casamento e a favor de Anita", eu digo: "Sou contra o casamento e a favor da Olívia", por isso que há 48 anos estou casado com ela, quer dizer. Agora, estávamos falando de Evita. A Evita, em certa ocasião, foi lá na Fábrica Mumu, de balas pra criança, então, ela já tinha mandado preparar uma manchete agradecendo a ajuda da Fábrica Mumu, e outra manchete preparada para o dia seguinte, que era, "A Fábrica Mumu envenena nuestros niños, com caramelos com pelos de rato". Eu li esta manchete, preparada, que não saiu publicada, porque na hora de ela agradecer, na fábrica, o discurso que ela fez, digo, ela, o diretor da fábrica disse: "Estamos aqui com a nossa querida primeira dama e a fábrica está oferecendo 100 mil pesos". Aí, no cheque, ela

acrescentou um zero, e falou: "Agradeço muito ao diretor, que me acaba de dar 1 milhão de pesos". Logo foi pra um milhão, e o diretor ficou super perturbado, e falou com ela: "Minha senhora, na verdade que o que estava oferecendo não era bem isso", sabe a resposta dela qual era? "Eu sei ler muito bem". O camarada entendeu o recado, e teve que entrar em 1 milhão de pesos. Gestos assim a Evita fez uma porção de vezes, graças a Deus que foi em benefício de uma obra assistencial muito boa, que ela fez, conseguiu isso. Claro que enriqueceu, criou a sua fortuna pessoal, que mais tarde o Perón, quando ela morreu, o Perón quis resgatar na Suíça e não conseguiu. Ela já tinha formado a sua... Quer dizer, essas coisas... Até fizeram essa peça Evita, que não tem nada a ver com a realidade do que foi ela. Tinha o seu lado bom e seu lado ruim, essa coisa, quem trabalhou em imprensa, e ela sendo a minha patroa, e eu vendo todas as coisas que vinham, a influência dela no que a gente noticiava, entendeu? Bem, mas isso não...

Mas isso tinha impacto no seu trabalho?

No meu trabalho, no meu trabalho graças a Deus, eu não fazia muito política, não fazia não, eu fazia esporte, no *Mundo Deportivo*, fazia cenas de rua na *Caras y Caretas*, enfim, o mundo infantil eu tinha criado um personagem, que depois de quatro publicações, eu matei ele por uma razão, eu vou virar escravo deste personagem a vida toda, porque nas quatro publicações choveu cartas dos meninos, dos leitores, eu disse: "Ih! Meu Deus do céu". Aí, o que aconteceu depois com o Quino, com Mafalda, o Quino chegou a detestar a Mafalda, porque ele viveu escravo da Mafalda durante anos, se vive, quando é história em quadrinho, você acaba sendo vítima realmente da popularidade que cria esse personagem.

Lan, os diagramadores argentinos, depois tiveram uma importância na renovação da imprensa brasileira.

Muito, muito.

Qual era essa qualidade gráfica dos jornais argentinos?

Acontece uma coisa que, primeiro, tem uma personalidade própria, a imprensa Argentina, como a uruguaia, mas principalmente a argentina, tinha uma qualidade gráfica muito boa, os paginadores argentinos realmente eram tudo primeiro time, tudo primeiro time, e um grande chefe, que trabalhou aqui, o Andrés Guevara, que trabalhou também muito no Brasil, e foi o chefe da equipe que inaugurou o *Última Hora*, em 1951, aqui no Rio. E essa turma era realmente primorosa, moderna, o jornal vinha bem, bem conceituado em todos os detalhes, enfim, que posso

acrescentar a isso? A turma era muito boa, e o Samuel Wainer, que nunca, de burro ele nunca teve nada, trouxe uma equipe completa para a *Última Hora*.

Como é que você veio para o Brasil?

Acontece uma coisa, é que eu tinha tido um certo dissabor amoroso, uma coisa muito chata, que não preciso contar assim, e eu resolvi viajar, digo: "Não, eu vou viajar três meses, vou ficar lá fora uns três meses, vou ao Rio de Janeiro, Nova York, New Orleans, depois pra New Jersey, Los Angeles, Cidade do México, voltava pelo Pacífico, ia para o Peru, ver Machu Picchu e voltar para Buenos Aires". Acontece de que, quando eu cheguei, foi em 1952, em 1952, eu ganhei o Prêmio Imprensa, o Prêmio Imprensa. Passo pelo Rio de Janeiro, encontro meus velhos companheiros, que tinham trabalhado comigo, alguns em *Notícias Gráficas*, outros na Editora Haynes. Aí eles pediram para a irmã do Nelson Rodrigues fazer uma entrevista comigo. E depois dessa entrevista, me pediram um desenho para publicar. Eu tinha estado no Maracanã para ver o cenário da tragédia de 1950, naquela época, naturalmente, eu tinha torcido pelo Uruguai, ainda não tinha assimilado como é bom ser brasileiro, não é? Que é uma das coisas que eu jamais ficarei arrependido, de ter escolhido o Brasil como minha terra favorita, naturalmente, junto com a Itália, que afinal de contas, sou italiano, mas quase não conheci a Itália, porque eu vim com quatro anos. Aí fiz o Baltazar Cabecinha de Ouro, do Corinthians. Eu vi o jogo da seleção paulista, contra a seleção carioca, no domingo, e me chamou a atenção, este Baltazar Cabecinha de Ouro. Fiz o desenho, saiu publicado, e Álvaro Paes Leme, que era o chefe de Esporte da *Última Hora* paulista, falou com Samuel Wainer, para ver se eu estava disposto a continuar no Brasil. Fui ver o Samuel Wainer, me disse: "Olha, tenho uma proposta pra você ficar em São Paulo", "Tudo bem". Entramos em acordo, perdi, na parte financeira, perdi, praticamente, mas já tinha passado por Rio de Janeiro, e era uma coisa de louco, esta cidade é maravilhosa, olha, uma coisa fantástica! Eu sempre associo ao cheiro de manga, o Rio de Janeiro, porque quando eu cheguei tinha uma feira livre, passei por ela, e o cheiro de manga era tão forte, tão bonito, gostoso. E as mulheres, naturalmente, quando eu vi as cariocas, enlouqueci também, digo: "Esqueci o dissabor de Buenos Aires já", digo: "Eu vou ficar nessa terra aqui". Quando Samuel Wainer me convidou, digo: "Tudo bem, você quer que eu para São Paulo? Só com a promessa, você me trazer para o Rio de Janeiro depois", "Prometido". Aí eu fiquei seis meses em São Paulo, na *Última Hora* paulista, e depois em 1953, o Samuel lançou o semanário *Flan*, foi uma das maiores redações, melhores redações, só comparo essas redações às redações que teve o *Jornal do Brasil*, nos anos 1960, 1970, fantástico! Tinha Nelson Rodrigues, tinha Paulo

Mendes Campos, tinha Fernando Sabino, tinha Otto Lara Resende, tinha, olha, só tinha craque, só tinha craque. E na parte de ilustração tinha Nássara, eu, e quem mais? Não me lembro, bom, o Carybé, ocasionalmente, desenhava também pra nós. E foi assim que fui transferido para o Rio de Janeiro, aí encontrei minha cidade. Bom, quando vim no Rio de Janeiro, entrei na *Última Hora* carioca, na Praça Onze, grandes lembranças do Nelson Rodrigues que... E de tantos outros companheiros maravilhosos, brilhantes mesmo, mas o Nelson era uma figura muito especial. Eu vivia com uma passagem da Real Aerovias, porque trabalhava em São Paulo e Rio de Janeiro, então, eu tinha sempre uma passagem da Real Aerovias. Um belo dia vou a São Paulo, e o Nelson me chama, e disse: "Lan, você vai viajar? Amigo, você vai viajar a São Paulo, por que não vamos juntos? Eu tenho que ir a São Paulo, porque está a estréia da *A Falecida*", peça dele, digo: "Ótimo, Nelson, maravilha. Olha eu já estou com a passagem, pega a tua", aí olhou pra mim, sério e disse: "O quê? A passagem de que? De avião?", com um nojo, com uma coisa assim, "Você um argonauta", me chamou de argonauta porque viajava assim, "Então, você é engraçado", ele disse: "Você tem seu amigo Nelson, com quem você pode bater papo durante quase oito horas de ônibus e você me troca por aquela desmoralização da distância, que é um avião, que inclusive pode cair". Acabei viajando de ônibus, e foi um dos papos mais maravilhosos que tive na minha vida, porque Nelson nunca quis ser humorista, mas foi um dos maiores humorista que conheci na minha vida, o Nelson Rodrigues. Aí tinha sido eleito em São Paulo, não me lembro se foi prefeito, governador, não me lembro bem, o Jânio Quadros, aí eu perguntei: "Nelson, o que é que você acha do Jânio Quadros?", "Tenho antipatia dos homens honestos, a arma da simpatia dos vigaristas". Grande verdade, você analisa, para ser vigarista, precisa ter simpatia, senão não consegue nada, e realmente o Jânio era coisa... E frases assim, coisas assim, o Nelson era mestre, ora, foi um papo inesquecível. Bom, mas na turma da *Última Hora* arioca tinha muita gente brilhante, tinha muita gente. E aí que vem as recordações maravilhosas. Uma vez, aí começa o meu contato com a música popular brasileira. Eu sempre fui fã da música popular brasileira, desde criança, eu ouvia *Rádio Nacional*, por ondas curtas, já com dez anos de idade. E um dia vem o Geraldo Pereira, grande Geraldo Pereira, me apresentaram ele, já foi em 1954, mais ou menos isso, ele estava caitituando aquele samba, "O escurinho era um escuro direitinho, agora está com a mania de...", bom, e daí pra frente. E eu estava louco pra acompanhar ele, aí eu saía com Geraldo Pereira pelas gafieiras, estudantina musical, a Danúbio, a Tupi, e foi aí que comecei a me enturmar com as gafieiras, a noite carioca. E eu saía com aquele mulatão lá, tremendo pintaço, todos as mulheres choviam em cima dele, claro que sobrava pra mim, que estava no banco

de reservas acompanhando ele. Agora, eu caitituando com ele, com esse sotaque que até hoje não perdi, já imaginou? Bom, mas em relação a isso tem tantos outros episódios. E assim foi o primeiro encontro com as escolas de samba e a minha Portela querida vai entrar neste resumo, vou procurar resumir. Edson Carneiro, grande antropólogo, maravilhoso, irmão do Nelson Carneiro, senador, me disse: "Lan, você está curiosíssimo de conhecer escola de samba, né?", eu disse: "Estou, claro que estou", "Então, domingo, eu começo a fazer uma pesquisa nas escolas. Tem duas professoras que vão me ajudar e você pode me acompanhar lá", "Ótimo, maravilha!". Nunca vou esquecer. Domingo, quatro horas da tarde, um calor daqueles brabos, e quem é que levou o gravador? O gravador não é aquela coisinha maneira de hoje, bonitinha assim não, era um deste tamanho, pesava uns 20 quilos mais ou menos, e adivinha quem carregou até o terreiro grande, lá em cima no Salgueiro? O garotão da turma, que era eu naquela época. Eu tinha lido em Buenos Aires só dois livros traduzidos ao espanhol, um do Lúcio Cardoso, que era *Morro do Salgueiro*, e outro do Herman Lima, *Garimpos*. Mas eu estava no morro do Salgueiro e tinha uma mulatinha, que falava o Lúcio, que era a rainha do morro, bonita pra burro, uma mulata fantástica, que sambava que era uma coisa assim e tal. Aí o Edson me disse: "Olha, Lan, tem um detalhe, o pessoal você sabe como é, aqui eles são muito gentis, mas você, quando te oferecem alguma coisa, você aceita, agradece, entendeu? Porque é capaz que eles levem a mal se você recusar". Subimos, chegamos na tendinha, estava o Casimiro calça larga, figura mitológica do Salgueiro, era Unidos do Salgueiro naquela época, e depois ele foi presidente da Acadêmicos do Salgueiro, foi fundador inclusive, quando juntaram as três escolas do morro. Muito bem, está na tendinha, pega um copo deste tamanho, mais ou menos, um pouquinho menos, enche de conhaque alcatrão São João da Barra, era uma pedrada que vocês não tem idéia, olha o tamanho. Muito bem, dá um copo pra mim, outro é do Edson, e outro para as duas moças aí. Eu, bem mandado, timentim, pau, mandei o meu, bateu, deu uma tremedeira, coisa assim. Aí o Edson, na hora que o calça larga tinha ido lá pra dentro, ele diz: "Lan, pega meu copo, que estou com úlcera, eu não posso beber", aí disse: "Então tá". Bebi o dele, as duas professoras também, acabei bebendo quatro copos desse. Vocês imaginam o porre que eu peguei na primeira excursão a escola de samba? Aí eu não queria descer mais, eu digo: "Não, vou ficar, eu quero a rosinha, quero que me descubram a rosinha, que o Lúcio Cardoso...", já num porre louco, homérico. Conseguiram me levar até o Leme, onde morava. Bom, segunda escola foi Mangueira, no outro domingo, mas mangueira naquela época não era essa mangueira, tipo Suíça, tão organizada de hoje, tem computadores em todas as salas, não, não... Naquela época era uma esculhambação total, a quadra pequena, não tinha ninguém pra

receber a gente, só estava o Xangô, que naquela época era magrinho, aquele chapéu corcovado da época, com aqueles três palitinhos que botava, que é pra jogar porrinha, aí o... Cadê o... Não podemos fazer nada, aí foi, tal... Terceira escola, eu digo, só de falar nisso, me emociono. A Portela, grande Portela, estava ainda num terreiro, antes mesmo da portelinha da jaqueira, tinha um galpão lá trás, cheio de troféu, cheio de troféu, e o pessoal da Portela todos de terno branco, como se apresenta até hoje a velha guarda da Portela, é uma tradição, a elegância do portelense tem de ser mantida, porque o Paulo da Portela queria isso, queria que toda delegação da Portela, visitando as co-irmãs, fosse, se apresentasse bem, não com esse negócio de sapato de português, aquelas camisa, tal, calção, não, não, não, ele queria terno e gravata, aliás, gravata não, era camisa azul aberta, chapéu com a fitinha azul. Bom, enfim, e minha paixão pela Portela começou aí. O que aconteceu? Eu estava namorando uma filha de um general, no Leme. Depois de três meses de namoro, ela começou a dizer: "Olha, meu pai, meu pai está perguntando quem é esse gringo que está saindo com você, coisa e tal, e gostaria de apresentar a ele pra mostrar que você é um jornalista, coisa assim", "Tá, tudo bem, tudo bem, vamos lá". Aí encarei a família toda do general, a família do general, as mulheres são mais milicos do que os homens, terrível, você vê a generala mesmo te olhando assim, e fui. Aí falaram, falaram, falaram, e chegou o momento que digo: "Bom, eu tenho de dizer alguma coisa, né?", e digo: "General, eu realmente estou admirado da musicalidade do povo brasileiro, como dançam, o ritmo é uma coisa fascinante, é uma coisa maravilhosa..." Com isso, comecei a coisa e eles começaram a ficar sérios. Aí digo: "E ontem estive na Portela". Aí já fechou de vez o tempo, já começaram a me olhar assim, quando gavião quer uma pombinha, entendeu? Do mesmo jeito assim, digo: "Acho que não agradei muito", pensei. Aí continuei com meu entusiasmo, digo: "Não, os passistas, as pastoras, que coisa bonita, essas matronas gordas, lindas baianas, como dançam, a leveza delas". Aí o cara disse: "O senhor foi a uma escola de samba?", aí disse: "Eu não entendo vocês, os estrangeiros, vocês chegam aqui no Rio de Janeiro e logo vão procurar o que de pior tem esta cidade, favelas, os negros da favela, as macumbas, tem tudo, as escolas de samba, só tem marginal nessas coisas", digo: "Bom, namoro nem pensar". Falou, falou, falou, digo: "Bom, general", que de jeito nenhum ia sair de cabeça baixa, aí digo: "General, o senhor falou nos estrangeiros que chegam ao Brasil, que chegam ao Rio de Janeiro, e logo procuram isso que, no meu conceito, faz parte da cultura popular, ou seja, é onde o povo é realmente verdadeiro, se o senhor acha que eu vou ao Municipal para assistir a uma ópera de Putin, ou porque seja, essa ópera você vê no Teatro Cólón de Buenos Aires, você na Scala de Milão, você vê, em todas as partes do mundo é a mesma coisa, logo,

não vai me dizer como é o povo brasileiro. Então, nós estrangeiros procuramos, muito mais quando se trata de um jornalista como eu, porque jornalista é isso”, e bela verdade, disse: “Olha, e tem uma coisa general, já sei que não agradei muito, boa tarde, estamos combinados”, e aí assim me retirei e acabou o namoro.

Os jornais dessa época cobriam a cultura popular, a cultura dos morros, como era?

Não, eu vou te dizer uma coisa, não é sempre não, não. A *Última Horta*, sendo um jornal popular, não dá pra sentir esse preconceito, que até a grande Katherine Dunham, que teve a maior companhia de balé afro-americano, eu fui receber ela em Montevideú, o jornal de Buenos Aires, *Notícias*, tinha me mandado para recebê-la. Falando com ela, eu pergunto a ela como estava o preconceito nos Estados Unidos, disse: “Mesma coisa”, “Teve algum lugar na América que não tenha preconceito?”, ela me disse: “Dois lugares, Vera Cruz, no México, e Montevideú, no Uruguai, foi onde nós fomos melhor recebidos, sem nenhum problema de racismo, ou coisa dessa”. Vindo ao Brasil, aí eu percebi que realmente aquela lei Afonso Arinos é muito bonitinha, mas, infelizmente, muito pouco praticada, o preconceito existe, e aos poucos, agora, quem sabe, com Barack Obama presidente dos Estados Unidos melhora um pouco a situação em todas as partes do mundo, mas precisa um presidente americano chamado Barack Obama, que nome africano tem, para mudar tudo? Espero que não leve um tiro como Martin Luther King, espero, eles são campeões em matar presidentes. Bom, essa pergunta eu acho que respondi. Enquanto o preconceito da imprensa, eu vou dizer uma coisa, outro órgão, o *Globo*, por exemplo, o *Globo*, o Roberto Marinho era amigo queridíssimo do Donga, o Donga não saía da redação do *Globo* quando eu trabalhei depois, em 1955. Ele tinha uma afinidade, digamos, gostava do samba, gostava do choro, gostava, o Roberto, né? Então, na verdade são certos setores da imprensa, principalmente, que me desculpem os paulistas, mas o preconceito era muito mais forte em São Paulo que no Rio de Janeiro.

Você pegou o jornal *Última Hora* naquele momento crítico da crise do governo Vargas. Como foi esse período?

Bom, é curioso, de política brasileira eu não entendia nada, tinha sido, trabalhando num jornal que era do Getúlio Vargas, naturalmente, a influência política na *Última Hora* era forte. Aconteceu o seguinte: houve a morte do Nestor Moreira, repórter do *A Noite*. Eu conheci Nestor Moreira, bebum, cara que aprontava sempre, ia pra delegacia, bom, morreu, mataram numa delegacia, mataram não, pode ter tido, é uma duvida grande até hoje, se ele teve um enfarte, caiu duro, mas atribuíram isso

a polícia do Getúlio Vargas. Então, Carlos Lacerda imediatamente partiu, mas assim com tudo, em cima do Getúlio e em cima do *Última Hora*. Houve o velório do Nestor Moreira. Neste mesmo dia, o Samuel Wainer foi ao velório e viu o Carlos Lacerda todo vestido de luto, preto. Chega no jornal, eu já estava de saída, eram oito horas da noite, estava de saída, e ele me chamou, eu tinha um encontro maravilhoso na Praça da Cruz Vermelha, uma mulata linda de morrer. Aí disse: "Lan, quatro colunas na primeira, faz negócio de papa defunto, alguma coisa bem, daquele sacana do Lacerda, que estava todo fantasiado de preto". E digo: "Puts grila", o encontro era oito e quinze, e eram oito horas, aí digo: "Bom, vou de urubu mesmo". Aí pensei, digo: "Bom, da cara do Lacerda eu lembro, mas a cara do urubu não, como é... corvo, vai de corvo mesmo", inclusive, desenhei rápido, porque quando você vê um desenho todo em preto assim, você recorta, pá, pá, pá, nanquim, mandou. Eu fiz um desenho, truculento assim, com o corvo, e fui ao encontro, cheguei três minutos atrasado, mas a mocinha ainda não tinha chegado, graças a Deus. Passamos uma noite maravilhosa. No dia seguinte, fui com um certo pesar assim, a consciência, "Puxa, o Samuel pediu pra caprichar, meu Deus do céu, eu fiz aquela droga de desenho", que até hoje acho o pior desenho que fiz na minha vida, eu, os outros acham lindo, eu acho uma droga. Entro na redação, e quem está? No meio da redação estava o Samuel, Eloi Dutra, Danton Coelho, que era presidente do PTB, e o Baby Bocaiúva, aí o Samuel: "Lan, vem cá", digo: "E, lá vem bronca", "Vou te apresentar o nosso presidente do PTB, o Danton Coelho". Aí Danton Coelho me abraça, me diz: "Lan, você fez uma criação genial, você desencavou a alma torva daquele filho da puta", assim foram as textuais palavras do Danton Coelho. Eu fiquei pasmo, um desenho que eu fiz assim em cinco minutos, e eu desencavei a alma torva desse filho da puta, olha só. Viva as mulatas, ela que me deu inspiração, eu tinha pressa, coisa assim. A partir daí, passei a ser conhecido como o autor do corvo e o Lacerda respondeu em um discurso, em Bauru, que esse trabalho só podia ter sido feito por um espanhol safado, que trabalhou, o espanhol safado era eu. Mas passaram os anos, e quando Carlos Lacerda se candidatou a governador da Guanabara, veio a Denilson Publicidade, que estava fazendo a campanha dele, que a pedido do Lacerda, se eu podia fazer a imagem positiva dele, digo: "Não, não posso, é uma questão de ética, eu jamais vou fazer uma coisa dessa, mesmo que, já sei que estou perdendo muita grana, mas tem uma coisa, depois de fazer um corvo, eu não posso fazer um beija-flor, não posso fazer um colibri, entendeu? Fazer uma coisa bonitinha, não dá", e foi assim que recusei. Mas com os anos, passaram os anos, e até fiquei amigo do Sérgio Lacerda, do Sebastião, da Cristina, dos filhos dele, até o Sérgio me pediu: "Me faz um corvo", aí eu desenhei um corvo enorme pra ele, o filho do Lacerda.

Lan, e na *Tribuna da Imprensa*, tinha um caricaturista também para responder?

A Hilde, a Hilde, mas não me lembro ela ter respondido assim, esculhambava direto o Getúlio. Mas foram momentos dramáticos realmente da história do Brasil, e eu participei, digamos, de uma forma até direta por causa das charges, que depois explorei o personagem do corvo, por exemplo, tirei as águias do Palácio do Catete e botei um corvo no lugar de cada águia, e daí pra frente, fiz uma porção de coisas, virou personagem.

Essa imagem pegou mesmo?

Pegou muito, muito, quem vive até hoje, dessa época aí, lembra perfeitamente do corvo, e vira e mexe me pedem pra eu fazer a história. Há pouco tempo, a minha querida Maria Beltrão, numa entrevista com ela, ela me perguntou, pediu pra contar essa história, que estou contando pra vocês agora.

E como era o Samuel Wainer?

Samuel Wainer, olha te digo uma coisa, era um, pra mim foi um dos maiores jornalistas desse país, elétrico, criativo, foi ele que inventou a crônica social da Zona Norte, sabia escolher seus elementos para diferentes setores do jornal, e o Samuel foi realmente uma figura que nós, jornalistas, deveríamos sempre lembrar dele com gratidão, porque quem levantou o padrão de salários dos jornalistas aqui no Brasil foi Samuel Wainer. Antes dele eram salários de miséria, a classe jornalística parecia que era composta de boêmios, de bebuns, e Samuel Wainer fez isso, dar respeitabilidade à classe jornalística, isso ninguém pode esquecer, nenhum jornalista no Brasil tem direito de esquecer essa coisa, mesmo que não goste de Samuel Wainer, mas Samuel Wainer foi quem fez isso.

Vamos ao *Globo* agora.

Bom, *Globo* eu, quando Samuel Wainer, bombardeado, não só pela *Tribuna de Imprensa*, mas toda imprensa caía de pau em cima do Samuel Wainer por ter recebido ajuda do Getúlio, digamos, para fazer a *Última Hora*. Aí acabou atrasando os salários, não podendo manter em dia a coisa. Foi quando eu saí do jornal, o jornal me devendo muito, mas fui o único, único funcionário da *Última Hora* que não levou ele pra justiça, não processei de jeito nenhum. E no dia seguinte estava no *Globo*. Quando saí em 1955, da *Última Hora*, fui para o *Globo*. Aí começou outro episódio da minha vida. O Roberto Marinho comigo sempre foi de um carinho muito bom, só que na segunda semana que estou no *Globo*, o Samuel Wainer fez a

sacanagem de publicar uma caricatura que eu tinha feito o Roberto Marinho na hípica, muito delicado, coisa assim, e o Lacerda foi... Ah! Ainda tinha publicado na última página um corvo deste tamanho. E o Lacerda foi se queixar a o Roberto Marinho que eu era funcionário do *Globo*, e que como a *Última Hora* publicava. Aí o Roberto Marinho me chamou, disse: "Lan, olha, Você é meu funcionário, você não pode fazer isso, a *Última Hora*...", digo: "Doutor Roberto, acontece uma coisa, que, pela lei aqui no Brasil, os originais fazem parte do arquivo do jornal, e assim como o senhor não pode, o senhor pode publicar Augustinho Rodrigues, fazendo *Pangaré*, com desenhos da *Última Hora*, a *Última Hora* pode usar meu desenho". Eu sempre fui contra, porque direito autoral é de quem desenha, agora, acabei ganhando com muito tempo do futuro, ganhando, eu não, ganhando porque todo mundo se convenceu realmente de que o jornal paga o direito de publicação, mas não é dono do original, não é dono. Tem um exemplo, por exemplo, quando vi o Beto Rockfeller, eu fiz um desenho no *Diário Carioca* e ele quis comprar, e a direção do *Diário Carioca* me chamou pra conhecer, aí eu pedi 300 dólares, então tudo bem, o direito era meu, mas são mudanças assim. Agora, infelizmente, infelizmente, no *Globo*, eu reconheço que tinha uma vida meio estúpida sempre, estúpida que digo não, porque eu aprendi tanto sendo boêmio, na boemia que eu aprendi o Rio de Janeiro, na boemia que eu aprendi a ser carioca de alma mesmo, de forma que não houve tempo perdido não, às vezes, tinham me falado na época: "Mas Lan, que vida estúpida que você faz, meu Deus do céu!". Tinha falecido meu pai, então, foi na época que descobri, que toda essa ânsia de sucesso que eu tinha, ânsia de mostrar a ele que tinha valido a pena seguir o meu trabalho como desenhista. Morreu, e aí foi um período meio chato, chato porque fiquei meio desorientado assim, meio coisa, e trabalhava no *Globo*. Aí o editor achava que eu tinha de chegar às sete horas da manhã ao jornal, porque naquela época trabalhávamos de manhã, o jornal era vespertino, e até uma hora precisava estar todo material pronto para ir pra oficina. E eu chegava no jornal às 11 horas, claro, tinha ido dormir era às sete horas. Aí o que aconteceu? Esse tal de editor, diretor, deu queixa ao Roberto Marinho. Aí lá vou eu, digo: "Doutor Roberto, acontece uma coisa, que seu nobre amigo quer que eu chegue às sete horas da manhã, às sete horas da manhã, eu não tenho família, não tenho namorada, não tenho nada que me prenda a uma vida disciplinada, vou dormir às sete horas da manhã, quando ele quer que venha a redação. Agora, pergunte a ele se alguma vez atrasei a edição do *Globo*, porque ele me deixa em cima da mesa 25, 30 caricaturas para eu fazer, e mato a pau, faço, tiro de letra. Então, fica mais esse incômodo porque ele não pode mostrar de que eu chegando às 11 horas, que eu chegando, não dou conta do recado", aí o Roberto, até hoje conta isso: "Você é um boêmio, Lan, você é um

boêmio, tudo bem, não venha mais a redação, mas me manda o teu trabalho, tá bom?”. Era uma caricatura de políticos internacionais também, que em função disso, em 1957, num anuário de humor inglês, me botaram entre os cinco melhores. Bom, acontece uma coisa, porque o Roberto viajava e os meus desenhos sumiam. E eu estava trabalhando naquela época junto com Stanislaw Ponte Preta e o Haroldo Barbosa. Haroldo Barbosa mandava a edição, a coluna dele do *Pangaré*, junto com meu desenho. Aí, quando voltou Roberto Marinho, telefonou para o Haroldo e disse: “Haroldo, eu dei todas as facilidades, mordomias para o Lan, e o Lan não manda o desenho”, ele disse: “Não, ele manda todos os dias junto com o *Pangaré*”. Dizem que o Roberto deu uma bronca na redação, apareceram todos os desenhos. Viajou outra vez, já era quase o mês de dezembro, e voltaram a sumir os desenhos, eu digo: “Não, não vale a pena não, não quero...”. E aí foi assim que, gostando mesmo do *Globo*, eu saí, mas saí por causa disso. Durante todos estes anos, mesmo trabalhando no *Jornal do Brasil*, que eu em certa, durante um certo tempo, era o jornal rival do *Globo*, o *Globo* sempre me prestigiou, mesmo eu trabalhando no *Jornal do Brasil*, em muitas ocasiões, mais até que o próprio *Jornal do Brasil*, quer dizer, houve um afeto recíproco durante muitos anos. Nunca vou esquecer quando eu voltei, do meu autoexílio, foi em 1967, e estava casando a filha do Nascimento Brito, na igreja do Largo de São Francisco. Lá vou eu, entro na fila, quem está na minha frente? O Roberto Marinho. Lá pras tantas ele vira: “Lan, como é que vai meu filho, você está bem? Você esteve fora, né?”, disse: “Estive durante três anos assim”, e disse: “Agora, vou te dizer uma coisa, pra todos os efeitos, você é do *Globo*”, “É mesmo, doutor Roberto? Então eu tenho que ir lá, falar com Mário Melo e me dar todos os atrasados que tenho nesses dez anos, 13 anos de coisa”. Ele era um amor de pessoa... Falou-se muito a respeito do Roberto Marinho, muito, mas muita inveja, muita inveja, porque no Brasil, infelizmente, o homem de sucesso é criticado, ele é criticado, porque é um homem de sucesso. Já a simpatia vai toda para um grande jogador, que foi o Garrincha, mas por quê? Porque era um coitadinho. Então, o brasileiro sempre se inclina, já com o homem que tem sucesso, já perde a simpatia, isso aconteceu muito com Roberto Marinho, mas foi, considero ele o maior patrão de imprensa que teve este país, pela solidariedade dele com funcionários, digamos, que precisavam ser internados, precisavam, uma assistência incrível, ele sempre teve. Olha, o Otelo Caçador, meu grande amigo, que essa é outra história, mas aí vamos ficar a semana toda se eu continuar lembrando de histórias, porque sou flamengo, isso é outro papo, isso entra Otelo Caçador nisso. Bom, Otelo Caçador, quando se aposentou, me diz: “Lan você não tem idéia, eu trabalhei 30 anos no *Globo*, o Roberto me deu um prêmio de mil dólares por ano, quer dizer, nem o que vou receber como aposentado se

equipara ao que o Roberto fez comigo". Esse era o Roberto Marinho, e não fazia alarde disso não, nunca fez alarde disso. Bom, estou fazendo a apologia do Roberto Marinho, mas vou voltar a Otelo Caçador, que é a razão de eu ser flamengo até hoje. Em Buenos Aires, nos anos 1950, houve o pan-americano, e foram as delegações de todos os países, e a do Brasil, estava *Jornal dos Sports, O Globo*, que tinha ido. E aí que conheci Otelo Caçador, que trabalhava no *Jornal dos Sports*. Aí ficamos juntos, aí levei ele como anfitrião pra todos os lados, e na noite anterior de ele voltar para o Rio, aquele porre, naturalmente de praxe, estávamos num bar, café, aí me diz: "Oh Lan, ó...", aqueles pousos de chopp, entendeu? "Bota a mão aqui", digo: "Boto aqui", imagina que seja a bíblia, "Se algum dia você for ao Rio de Janeiro, você vai me prometer que vai torcer pelo flamengo", digo: "Feito, já sou torcedor". Eu mal sabia que dois anos depois ia vir ficar no Rio de Janeiro, mas me mandaram a São Paulo. Lá, me lembro sempre um jornalista de esporte da *Última Hora* paulista, o Milton Perusse me disse: "Você vai torcer pelo Palestra Itália, né? Você é italiano", "Não, não, eu sou torcedor do flamengo", "Que negócio é este de você torcer...", "Não, eu prometi, eu respeito tudo que eu prometo, eu respeito", aí continua: "Não, não, mas isso não pode ser, você é um italiano traidor, você deixar o Palestra pelo flamengo". E assim foi que até hoje sou flamengo, graças a Deus, apesar de que mudou agora muito, porque aí já entra no conceito de futebol atual, que é onde o Brasil virou um seleiro de craques vendidos, é uma feira de jogadores, vem os estrangeiros, "Quero esse, quero esse, quero esse, quero esse" e a gente vende, porque não há grana para reter os grandes jogadores que vão surgindo sempre neste país. Bom, eu estou falando pra burro, não sei se está valendo tudo que estou falando.

Ainda sobre essa sua experiência n'O Globo, qual era o espaço que o jornal dava para a caricatura? Em que momento os jornais passam a publicar caricatura na primeira página?

Bom, eu já tinha feito na primeira página da *Última Hora*, eu já tinha trabalhado na primeira página. Depois, no primeiro ano mesmo do *Globo*, eu trabalhei na primeira página. A primeira página, você tem que pensar nisto, a charge sendo um visual, todo mundo vê, o editorial do jornal, e às vezes até num corpo muito pequeno, poucas pessoas, deve ser uns dez por cento sobre os leitores que vão ler, entendeu? Então, essa é a diferença, sendo de que a charge transmite uma opinião, transmite uma crítica, transmite coisa, e todo mundo vê. Por isso que, hoje em dia, figura na primeira página. Por exemplo, Chico Caruso. Eu tenho orgulho de ter trazido o Chico para o Rio de Janeiro, o nosso relacionamento é quase de pai pra filho, de filho pra pai, é um amor de pessoa, eu adoro ele, e é realmente

fantástico. O irmão dele se equivale, parece mentira dois gêmeos, dois arquitetos, dois caricaturistas. A única vantagem do Paulo é que toca piano e o Chico não, é a única diferença. Agora, é como eu digo, a charge na primeira página, estava vendo até na *RAI*, televisão italiana, uma primeira página da *Domenica del Corriere*, tem charge na primeira página. Quer dizer, é realmente importante, pode ser, o desenho pode ser melhor, pior, isso não tem nada a ver, porque a charge tem que ter um idéia, tem que ter uma crítica. Eu sempre digo uma coisa, uma boa idéia, você pode fazer até com quatro, cinco linhas, uma má idéia, só você salva com um desenho que você faça esse dia, entendeu? É a salvação, apesar de que... É curioso, você vê o que aconteceu com o corvo, estava falando do corvo antes, um desenho feito em cinco minutos, com um sucesso incrível, e às vezes caprichando, fazendo um tremendo de um desenho, não passa nada, dizem: "Ah, bonito", não tem essa importância. Então, a força da idéia, principalmente, é fundamental.

Você se lembra de algum político que você achou, particularmente, interessante retratar?

Eu falei antes do Delfim Neto. Delfim Neto, em certa ocasião, ainda a redação do *Jornal do Brasil* era na Rio Branco, e ele estava no ministério, e eu recebo um convite do ministério da Fazenda para ir almoçar com o ministro, na quinta-feira, digo: "O quê?", então me perguntei: "Puxa, vou fazer o que lá?". Muito bem, botei aquele, detesto terno, gravata, odeio, mas fui todo bonitinho lá, e me recebeu o Delfim Neto, disse então: "Faço questão de você sentar na minha frente, na minha frente", "Tudo bem, ministro". Aí começaram a chegar todos os editores de Economia, de todas as partes do Brasil, lá de Recife, lá de Porto Alegre, e começaram a bombardear de perguntas, sobre Petrobras, uma porção de coisas, e eu calado. Lá pras tantas, eu fazia ele redondo, meio gordinho, estava bonitinho, gordo, bem gordo, lá pras tantas, o Delfim se dirige a mim e diz: "Lan, você está gostando do almoço?", "Ministro, gostar, eu estou gostando da comida sim, com certeza, agora, não sei o que estou fazendo aqui, porque não tenho nenhuma pergunta a lhe fazer, que eu não entendo bulhufas de economia", aí ele me diz: "Não, eu quero que você veja isto, isto é uma entrevista audiovisual, então, observe que estou comendo bife na grelha com espinafre na água e sal, que é pra você nos próximos desenhos, ó, vê se você...", maravilhoso. Olha, muita gente discorda, eu mesmo tenho discordado muito da parte política do Delfim, mas que é um inteligentíssimo, já falei isso, é muito inteligente. Agora, gostar de malhar, eu tenho gostado muito de malhar o Sarney, tenho gostado de malhar, malhar pra valer, porque o Sarney, Sarney, que é uma doce figura, há políticos, você tem que separar o homem público do homem na vida comum. Quer ver? Eu não gostava do

Lula, mas descobri em Lula a imagem do brasileiro, a maior quantidade de brasileiro é o Lula, é o Lula, malandro, muito malandro, inteligentíssimo, dá banho nos políticos tradicionais, não chamemos de tradicionais, hipoteticamente, metido a sérios, mas ele, imagino, o Lula devia ser um companheirão de botequim, deve ser aquela figura que conta casos, que conta assim qualquer rolo, mas ele realmente é um homem popular, é o maior carisma que existe nesse país. Agora, isso prescindido da parte política, onde você pode ser a favor ou contra, que ele é malandro, é malandro, que ele vai chegar sempre aonde ele quiser, sem dúvida nenhuma, porque as coisas ruins que aconteceram no governo dele, sem dúvida nenhuma, uma turma de bandidos, que a gente viu a partir do mensalão e daí pra frente, não vale a pena nem falar nisso, mas ele é como peixe, você quer pegar, tchup, e sai, e na Ferrari dele, você não pega o Lula, o Lula está sempre de tal maneira. É outro Garrincha, dribla, dribla, dribla, mas inteligente, muito inteligente, já ele está se consagrando o maior líder da América Latina, sem dúvida nenhuma, sem dúvida nenhuma, Hugo Chávez é pinto ao lado dele. Agora, mais pergunta por favor, que estou fazendo discurso já político da coisa vai.

Quanto tempo você ficou no *Jornal do Brasil*?

39 anos. E me mandaram embora justamente dia 3 de janeiro de 2002, assim, com um bilheteinho, um bilheteinho escrito a mão, por Augusto Nunes. É Augusto Nunes, é. "Lan, você sabe que sou teu admirador, mas infelizmente tenho de prescindir de seus serviços, assinado Augusto Nunes", foi assim que fui mandado embora, depois de 39 anos de jornal.

Por que isso?

Por que isso? Naturalmente, o *Jornal do Brasil* não estava mais em condições, mas podia ter sido mais elegante, eu acho que um camarada, eu renunciei a ir para o *Globo* durante todo este tempo, sabia que seria recebido de braços abertos, na época do Evandro como editor do jornal, ele me chamou, conversei, mas eu estava realmente apaixonado do jornal, independente dos seus diretores. Acho que fiquei muito caro para o jornal, mas o que não perdô é que, o José Nascimento Brito, um ano antes de eu ser mandado embora, praticamente me pediu pra eu ficar, porque o *Jornal do Brasil* ia durar mais 100 anos, aí desisti de sair, o que foi um erro, foi um erro, deveria ter ido para o *Globo*.

Mas antes disso, o que significou o *JB* na sua vida?

Jornal do Brasil, eu tenho uma coisa que, sem dúvida nenhuma, como profissional de charge política, eles publicaram tudo, tudo, tudo, nunca fui censurado, por

aquilo que eu falo, o profissional de imprensa tem que ganhar respeito. Como o chargista ganha respeito? Sendo crítico com todo mundo, não é só falar dos caras que você não gosta, tem que ser crítico, aí você ganha respeito, a tua coluna ganha respeito, e é isso que, graças a Deus, eu ganhei dentro mesmo do Jornal do Brasil, houve muito respeito nesse sentido, isso, na época da condessa então era maravilha, foi a melhor fase enquanto a condessa viveu, o *Jornal do Brasil* viveu também entendeu. E bom, passaram, hoje em dia já faz seis anos que estou de volta ao *Globo*, muito feliz, muito feliz mesmo, eu fui recebido com um carinho, eu entro no *Globo* e eu sinto o carinho de todo mundo, mesmo numa fase como vive o jornal hoje que eu... No tempo que comecei a trabalhar em jornal era aquele concerto de máquina de escrever Remington, era uma barulheira incrível. Hoje em dia é um silêncio sepulcral, está todo mundo idiotizado olhando o computador assim, ficam horas assim, aí o silêncio na redação, eu tenho até medo de pisar muito forte. Mas é verdade. E outra coisa, quando eu comecei na imprensa, só tinha homem, só tinha homem, em *Notícias Gráficas*, em Buenos Aires, tinha só uma mulher que era arquivista, só. Hoje em dia eu entro na redação e acho que maioria são as mulheres, aquelas jovens, e com uma garra, é aí que eu admiro a mulher, hoje em dia a mulher vai à luta, ela compete, a competição dela é leal, porque mais do que leal, porque ela está sempre lutando com o preconceito que existe sempre em relação à mulher, sobretudo na hora da grana. Por que a mulher tem que ganhar menos que o homem? Por quê? Entendeu? E isso, infelizmente, acontece muito. Eu que tenho acompanhado, há 62 anos que trabalho em imprensa, e vejo com orgulho de muitas meninas aí, que cresceram... Naquela época, o editor-chefe da coisa discutia comigo, "Lan, você tem mania de ajudar essas mulheres, as mulheres...", digo: "Lemos, por que não?", "Não, porque se acontece um crime no sábado eu não posso botar ela no turno dela, coisa assim, tem que botar sempre homens para ir lá ver o cadáver". Hoje em dia, as mulheres sobem na favela, entrevistam até traficantes, menino, são peitudas mesmo, tem coragem, tem garra. Então, isso me dá um certo orgulho de ter sempre defendido a posição das mulheres, em termos de igualdade com os homens, profissionalmente.

Você teve problemas, durante a ditadura, para publicar o seu trabalho?

Não. Acontece uma coisa, num dos meus acidentes de percurso, em 1957, eu já tinha programado a minha ida a Sierra Maestra, eu fui o primeiro, em Buenos Aires, a falar sobre Che Guevara, mas não era o Che, era Ernesto Guevara Lins, que veio na redação de *Mundo Deportivo* para anunciar o seu raide, como companheiro de motocicleta pela América Latina, ele era médico. E quando ele veio, eu estava sozinho na redação, então eu botei a nota, nota do mestre Che Guevara. Bom,

muito bem. Em 1957, eu já tinha estabelecido contato com o pessoal de Sierra Maestra, como jornalista, aí conheci a Olívia, minha mulher, aí minhas idéias revolucionarão, aí eles foram pra cucuia, por isso que te digo, acidente de percurso sempre tem uma mulher no meio. Agora, quando a revolução ganhou, eu fui um dos fundadores da imprensa latina aqui no Rio de Janeiro e colaborei com o *Jornal Revolução*, de Havana. Já isso é uma coisa, digamos, contra, em termos de informações, quando vieram os milicos. Aí depois passou, chegou 1964, e em 1964 tinha publicado num jornal, não foi no *Jornal do Brasil* não, no *Jornal do Brasil* castiguei os milicos de tudo quanto é jeito. Agora, mas eu tinha feito uma charge, onde, reconheço fui muito agressivo esse, fora do meu estilo, mas botei o general quatro estrelas se olhando no espelho, refletindo um gorila quatro estrelas, cheio de banana, coisa assim, coisa assim, quer dizer, foi com raiva mesmo que fiz essa charge. A revolução, a revolução não, o golpe militar, uma semana depois, dez dias depois, o cônsul italiano me chamou no consulado e me disse: "Olha, acho que, se você quer um conselho, é bom você se mandar agora, quanto antes você viaje, porque o DOPS está procurando, investigando toda a sua vida, vieram aqui pra saber se nós temos teus antecedentes políticos, não tínhamos aqui, mas eles estão de trás de você". E foi assim que eu fui para a Itália, fiquei de junho de 1964 até novembro de 1965, depois eu fui para Paris e aí fiquei mais um ano, louco de saudade, louco de saudade do Rio de Janeiro. Eu me lembro de um episódio, Olívia deu a maior força lá na Itália, mas quando chegou o carnaval de 1965, o Fernando Pamplona fez um carnaval no Salgueiro, que queria as três irmãs Marinho lá, então, mandou uma passagem para Olívia desfilar com o Salgueiro. Aí, fiquei sozinho em Roma, com uma dor de cotovelo que você nem imagina, digo: "Pô, minha mulher vai lá, não é negócio de ciúme não, ela vai estar lá na avenida, puxa, e eu aqui sozinho". Aí vi aquele filme "L'uomo di Rio", com Jean-Paul Belmondo. Entrei no cinema, vi três sessões, vi três vezes o mesmo filme, só para ver o avião da Air France circundando o Corcovado, fazendo assim, aterrissando, e eu chorava. [risos] Bom, foi um dos momentos, assim, emocionantes realmente que eu vivi lá na Itália, que foram tantos depois. Mas, em Paris, o Guilherme Figueiredo era meu amigo, irmão do João, que depois foi presidente, aí o Guilherme diz: "Que é que você está fazendo aqui em Paris?", digo: "Guilherme, acontece uma coisa...", falei o que tinha acontecido no Rio, o negócio do consulado, digo: "Bom", aí eu comentei com ele, digo: "Mas estou morto de saudade do Rio, te confesso uma coisa, não aguento". Eu me dei ao luxo de renunciar, praticamente, à minha entrada no Paris Match, num jantar estive com os diretores do Paris Match e me perguntaram se eu estava disposto a ficar em Paris, digo: "Não, se vocês aceitam meu trabalho, eu mando do Rio de Janeiro para vocês", "Ah non, pas de tout, pas de tout", e disse:

“Você tem que ficar em Paris”, e aí, “Não, eu volto para o Rio de Janeiro e pronto, quando eu puder”. E aí o Guilherme me diz: “Olha, eu vou te apresentar o adido militar da embaixada, que é coronel Andrade Serpa, e vou contar do seu caso”. Aí me apresentou ao Coronel Andrade Serpa, e o bem milico assim, “O senhor está fazendo o que aqui em Paris?”. Bom, aí contei, digo: “Coronel, eu, no jornal, não sou contratado para jogar pétalas de rosas em ninguém, antes pelo contrario”. Bom, aí o Andrade Serpa me perguntou o que eu estava fazendo, qual é a razão de eu estar em Paris. Bom, e eu expliquei a minha função de jornal, que é crítica, nunca há nada pessoal com quem está na presidência e sim com sua administração, parte administrativa, prescindindo, no caso, da parte política. Aí ele me disse: “Bom, muito bem, você volta daqui a 15 dias, que eu vou lhe dar uma resposta”. Na hora de sair, eu digo: “Não, Coronel, tem um detalhe, eu fiquei no Brasil graças a Samuel Wainer, que está exilado aqui em Paris, sou amigo do Darcy Ribeiro, sou amigo do Raul Ryff, que foi assessor de imprensa de João Goulart, que também está exilado aqui. O senhor acha que eu voltaria as costas para eles, simplesmente por eles estarem na condição de exilados? O senhor viraria as costas para um amigo? Prescindindo das razões de ainda estar aqui, eles são meus amigos, então, é bem provável que o senhor receba a informação de que estou frequentando eles”. Ele me olhou surpreso: “Mas que cara atrevido. Gostei da sua sinceridade, pode vir aqui daqui a 15 dias, que já vou lhe dar o, se Deus quiser, sinal verde”. E foi assim que consegui o sinal verde para voltar ao Rio de Janeiro, que foi a maior felicidade, uma das maiores felicidades que tive, fiz questão de voltar de navio para curtir a entrada da Bahia de Guanabara, a desmoralização da distância do Nelson Rodrigues, não quis, eu quis vir de navio, assim como quem saboreia um prato delicioso, e vai comendo assim, comendo pelas beiradas. O meu reencontro com o Rio é outro dos momentos mais emocionantes da minha vida, os amigos lá no cais, tinha colegas, enfim... A gente vai vivendo, vai passando por tantas coisas boas e más, mas como dizia Álvaro Moreira, “As amargas não, eu só lembro das coisas boas”. As amargas não valem a pena, pra quê?

Lan, Álvaro Moreira foi seu amigo?

O filho dele, Sandro Moreira, é que foi muito meu amigo, muito meu amigo. Eu não cheguei a conhecer ele, li ele, mas amigo mesmo foi o Sandro, esplêndido jornalista.

Então você está de volta quando acontece o AI-5?

Ah, bom! Aí que aconteceu um negócio sério, porque eu vim pisando devagarzinho, digo: “Não quero arriscar nada de dar motivo para eu ser expulso do país”, porque

eu sou casado com brasileira, mas não tenho filhos, acho que sou sujeito a ser expulso sempre. E o meu medo de eu ter que voltar para me exilar, aí andei devagar, mas quando se é jornalista até a medula dos ossos, aí aos poucos eu comecei a me soltar. Com o Costa e Silva, devagar, fui indo. Antes do AI-5, eu fiz uma charge do Gama e Silva, que era ministro, com a cartucheira aqui, com um rolo ato... Como é? Ato... Ato número 5. E outra charge, onde botei o último ato, que era o telão de um teatro, e antes de descer, disse: "Bota, só bota de milicos", essa não saiu publicada. Aí à noite, teve amigo que veio me oferecer sítio para eu fugir, eu digo: "Vou ficar, vou ficar. Eu estou voltando do exílio, vou ficar fugindo, dando a pinta de quê? Exerci a minha profissão só". Mas eu fui censurado, pela primeira vez, pelos 11 censores que estavam lá na redação do jornal. Então, guardaram uma página, aonde eu não sabia o que fazer, eu não podia atacar presidente, ministro, governador, mais nada. Eu me lembro que fiz uma charge, um negócio problema da Cedae, tinha um coronel, não pude publicar, negócio da Eletrobrás, tinha outro coronel, não pude publicar, uma porção, não tinha nada, não tinha assunto. Foi quando eu criei um personagem super mal humorado, que era o Calhostra, então, explodia por qualquer motivo, sem tocar no negócio político, mas sempre relacionando o tema que chateava ele com a realidade do que foi o Ato Institucional número 5. Acho que eu fui muito prejudicado, nesse sentido, muito. Aí depois veio o Sarney, aí desabafei com o Sarney, que honra seja feita, ele é um democrata, ele é democrata. Aí comecei a sentir novamente o gostinho de poder publicar o que me desse na telha. Uma vez o Andreazza me chamou lá no ministério de Aviação, porque o Chagas Freitas tinha comprado a caricatura dele de uma exposição que fiz no Lume, em 1972, e aí um dos filhos roubou, não, pegou, não roubou, pegou pra ele a caricatura que o Chagas Freitas tinha dado de presente. Aí a assessoria me telefonou lá no jornal, se eu podia ir falar com o ministro, aí fui lá, aí conheci o Andreazza pessoalmente. "Olha, vou pedir a você pra fazer outro desenho meu, outra caricatura, porque um filho meu, outro filho quer também", "Bom, tudo bem", "Agora me explica porque nós aceitamos, estamos aceitando a crítica que você faz?", "Ministro, entre o sucesso de uma charge, é quanto a crítica atingir mais o limite que existe entre a crítica e a agressão. Se ultrapasso esse limite, o leitor fica contra mim e a favor do senhor, eu quero que o leitor fique contra o senhor e a favor do desenho". Ele riu, chamou os assessores dele, disse: "Lan, posso te pedir um favor? Explica para esses camaradas [risos] esse negócio das charges". São momentos bonitos que você vive, quando você encontra uma pessoa inteligente.

E que outras charges suas foram censuradas?

Não, não, nunca, nunca.

A do AI-5 foi censurada?

Só foi censurada aquela última do AI-5. Ah, não, a do AI-5 saiu publicada, a que não saiu foi a com as botinhas de milicos, aí com o telão caindo, essa não saiu. E no dia seguinte, eu não tinha assunto mais mesmo, não tinha assunto, e fazia um calor de 40 graus, então, eu fiz o sol quadrado, que desenha o Ademir Martins, e botei um camarada com o paletó nas costas, caminhando. Fui censurado pelos 11 milicos que estavam lá. Eu guardo essa página até hoje. Eu passei todo o ano de 1969, eu tinha úlcera, eu participava da reunião dos editores, editorialistas, e não sacava nada de assunto para eu poder fazer a charge, e o jornal fechava, digamos, a oficina às nove horas da noite, tinha uma meia hora de lambuja ali, mas eu ia e ficava desesperado, aí começava a doer a minha úlcera, a doer, a doer, aí eu ia no banheiro, enfiava um dedo na garganta, tirava o ácido clorídrico do estômago, pra ter mais uns 10, 15 minutos de alívio. Aí falei com Dines: "Dines, não dá", e assim mesmo eu trabalhei o ano inteiro, todos os dias. Aí chegou o momento que o médico me disse: "Lan, você quer morrer ou quer continuar fazendo gracinha?". Aí falei com Alberto Dines, que eu adoro, Alberto Dines é outra das grandes figuras, um dos maiores editores com quem eu trabalhei. Bom, eu digo: "Alberto, me dá uma licença médica para eu melhorar e depois vamos ver se...", "Faz uma coisa, escolhe um parceiro pra tua coluna, e aí você trabalha um dia sim, um dia não", "Ah tá". Foi quando eu peguei o Henfil, que estava no *Jornal dos Sports*, e trouxe pra minha coluna. Adorável figura o Henfil, uma das grandes figuras do desenho brasileiro, só que ele mandava cinco charges e eram censuradas as cinco, e aí me perseguiam por todo Rio de Janeiro, porque tinha sido, aí não adiantava nada. Aí o Henfil, depois de seis meses eu digo: "Não, não dá, não dá, não dá", ele disse: "Eu mando, as charges não saem publicadas...", "Bom, tá bom". Então, falei com Alberto, digo: "Vou ter de escolher outro, vou ver quem eu quero", aí escolhi o Ziraldo. Ziraldo é mineiro, panfletista, podendo, ele é panfletista porque ele é PMDB convicto, e foi assim que Ziraldo ficou alternando comigo, e eu louco pra encontrar outro, para alternar com ele, e largar a parte política, porque já estava achando chato esse negócio de política. Consegui isso com o Collor, eu vivia tão mal humorado, mas tão mal humorado com esse negócio da política brasileira, tendo que trabalhar em cima disso, e já não achava graça nenhuma, não conseguia ficar bem humorado, não ficava, eu lia o jornal, jogava o jornal no chão, ficava histérico. Aí a Olívia, minha mulher, me disse: "Olha, Lanzinho, tem uma coisa, eu conheci você um cara simpático, bem humorado, assim, agora você está ficando um velho ranzinza, insuportável", e eu: "Ela tem razão". Aí fui ao jornal e falei: "Escuta,

escolhe outro, vou trazer o Chico Caruso". Foi quando eu trouxe o Chico Caruso para o *Jornal do Brasil*, e deixei ele alternando com o Ziraldo. E eu passei a fazer cenas cariocas, que é minha paixão até agora, que é uma espécie de crônica gráfica sobre a cidade, sobre coisas que a gente vê. Você vê o pipoqueiro, você vê detalhes da cidade, é churrasquinho no subúrbio, na esquina do botequim, entra o pagode, entra a vida, realmente, da cidade. Isso me fascina, e foi realmente um alívio pra mim. E aí passei a fazer só Rio de Janeiro e, principalmente, mulheres. Foi aí que me dediquei muito às mulheres, no desenho hein, calma.

E às mulatas particularmente?

Hoje me perguntaram quantas mulatas eu desenhei na minha vida, digo: "Perdi a conta, palavra, perdi a conta".

E por que as mulatas?

Por que as mulatas? Aí teve um psiquiatra falando comigo, disse: "Lan, essa tua preferência pelas mulatas tem alguma origem? Por acaso você teve uma babá?", "Tive, tive". Quando viemos para a América, meu pai foi pra sinfônica de São Paulo e minha mãe foi como professora da Dante Alighieri, que até hoje existe em São Paulo. Então, meu irmão e eu, eu tinha quatro anos de idade, meu irmão tinha seis, meu irmão já ia ao jardim de infância, e eu fui no ano seguinte, mas ficava com quem? Com uma mulata maravilhosa, que conheci, Zezé, Zezé, uma espécie de babá, fazia tudo lá dentro de casa, e me cuidava, e era um amor, mas era um amor. Agora eu quero que vocês se coloquem na cabecinha de um loirinho, branco, que pela primeira vez encontra uma pessoa de cor, que o trata assim com um carinho enorme, que é adorável, eu adorava a Zezé, eu gostava da Zezé. Foi o ponto de partida para eu sempre gostar do pessoal da cor, preconceito nunca. Eu me lembro, quando fomos a Montevideú, a Zezé, no dia do meu aniversário, mandava bala de coco pra mim, e para o meu irmão também, eu adorava bala de coco, até hoje gosto de bala de coco. Então, essa lembrança, com muito amor, lembro que em Montevideú, 1933, teve a estréia do Domingos da Guia, no Nacional, que era o meu time, aí aumentou a minha admiração pela pessoa de cor, e houve uma luta do Max Melen[?], campeão mundial dos pesos pesados, alemão, contra o aspirante Joe Louis, negro, e eu vi a luta com meu pai. Aí, eu torcendo por Joe Louis, de repente meu pai me diz: "Escuta uma coisa, você olhou a sua pele? Você é branco, e você está torcendo por um negro por causa de quê?", "Porque eu gosto, simplesmente eu gosto, estou torcendo por Joe Louis, porque eu gosto". Aí que meu pai, que era uma pessoa admirável, respeitou a minha opinião, digo: "Muito bem, vou respeitar a sua decisão, espero que você seja sempre assim",

lembrança inesquecível. Então, eu tenho pra dizer a vocês, quando se tem pais maravilhosos, como eu tive, é uma dádiva muito grande, e é uma influência que te persegue a vida toda, em todas as suas atitudes. Papai era florentino, mas florentino de todo seu aspecto, papai sempre foi homem elegante, aquela ironia dele muito florentina, que é do toscano geral lá na Itália. Acho que ele foi o maior amigo que eu tive, eu deve muito a ele.

Lan, você citou Henfil, Ziraldo, Caruso, que outros caricaturistas brasileiros você destacaria?

Olha, Otávio, levei para São Paulo, em 1953, quando eu fui transferido para o Rio de Janeiro, o Samuel Wainer me perguntou: "Tudo bem, e quem é que você bota no seu lugar, aqui em São Paulo?". O Otávio trabalhava, era gerente de um banco, acho que era o Banco do Brasil, aí ele pediu a transferência para São Paulo, muito bom desenhista, maravilhoso, Otávio. Aí outros caricaturistas, desenhistas, o Brasil sempre foi, o Nássara, o Nássara era maravilhoso, o Nássara eu destaco ele como um dos grandes, infelizmente não cheguei a conhecer o J. Carlos, que eu considero, até hoje, o número um, J. Carlos, fantástico. Raul Pederneiras, maravilha. Augustinho Rodrigues, maravilha. Teve o paraguaio Andrés Guevara, que eu falei antes, que também trabalhou com o Barão de Itararé, as ilustrações do Barão de Itararé eram feitas todas por Andrés Guevara. O Mendes, o... Como chama? Me lembro dele porque, ele, imitei o bigode dele, elegantíssimo, como é esse? Ai meu Deus do céu, me ajudem aí...

Calixto, Lan?

Não, não, o Calixto não.

O Pederneiras, que tinha o bigode?

Não é possível, um dos melhores caricaturistas que teve o Brasil. Quem mais? Muitos, muitos. Desenhista maravilhoso, maravilhoso, o... Olha só como anda minha cabeça, depois vocês cortam, cortam, cortam todos os textos vazios, o mineiro o... Também estou com a cabeça...

Mineiro era o Henfil.

Não, Henfil, Ziraldo, Borjalo, o Borjalo, maravilhoso o Borjalo. Fui muito amigo, eu tenho um grande carinho por ele. E o Chico, os irmãos Caruso são fantásticos. O Ique, bom, apesar de que hoje se dedica demais ao computador e largou o papel, que sempre fui contra, só trabalhar com o computador não.

E o que é preciso para ser um bom caricaturista?

Ser observador, ter uma boa memória, de preferência, trabalhar sempre de memória, em relação ao movimento. Eu, por exemplo, eu sei que meu desenho é dinâmico, mas estou vendo eu sentado, com os braços cruzados, perna cruzada, esta imagem já está na cabeça, se tiver que desenhar o camarada nessa pose, já está, não precisa nem ele posar para mim.

O que é que você acha dessa iniciativa, de resgate da história do jornalismo no Brasil?

Eu acho maravilhosa a idéia, acho muito boa, muito boa, e vocês têm assunto que não acaba mais. Eu lembro, vocês já devem ter feito uma lista bem ampla e a figura que, sem dúvida, merece entrar nesse registro, por exemplo, Evandro Teixeira, fotógrafo, essa é uma figura maravilhosa, outro grande fotógrafo. Mas tem muitas figuras assim, realmente de proa, de coisas assim que merecem registro, sabia? Eu lembro de tantos, mas há muitos que já subiram, muitos, eu me considero um sobrevivente de uma época do restaurante Villariño... Foram embora todos, só fiquei eu, o último foi Fernando Sabino, da turma do Villariño.

Quem mais frequentava o Villariño?

O Villariño é Antonio Maria, Stanislaw Ponte Preta, o Fernando Lobo, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, Hélio Pelegrino, o Vinicius de Moraes, o Caymmi, Ary Barroso, Silvio Caldas, quando eles estavam no Rio de Janeiro. Você vê que é uma turma de elite mesmo. E houve um caso muito engraçado, dramático, mas engraçado, nós tínhamos uma mesa em L no canto da parede do fundo do Villariño, aonde tinha até um poema de Pablo Neruda, de quando nos visitou, manuscrito, e assinado por ele. Tinha desenho do Nássara, meu, do Otelo Caçador, do Di Cavalcante, da Djanira, até o Caymmi tinha pintado lá, olha, era uma loucura, era um painel que tínhamos um orgulho enorme desse nosso painel. Bom, chega um dia que eu fui o segundo a chegar, estava Lúcio Rangel, aos brados, xingando o português, "É um ignorante, é um bestalhão, como é que faz um negócio desse?", disse: "O que é? Calma, calma, Lúcio, o que foi?" "Entra, entra, e você vai ver o que foi". O português, querendo agradar a gente, achou que tudo isso merecia uma limpeza, e deu aquele verde horroroso de botequim, e tampou todo o nosso documento, que já depois tentaram raspar pra ver se recuperavam, não conseguiram recuperar, e foi aí que nos transferimos para o Esplanada, saímos do Villariño para o Esplanada.

Quais eram os outros lugares da boemia dos jornalistas aqui no Rio?

Tinha o hotel Serrador, que era bom à noite, o Night and Day. Depois foi o Calipsos, em Ipanema, Jangadeiros, em Ipanema, na Praça General Osório. Lá no Leblon, o Antonio's, o restaurante Antonio's, o Degrau, outro famoso, quer dizer, esses eram realmente os que concentraram mais a frequência dos jornalistas. Antonio's era um pouquinho mais jornalista que tinham grana, porque era whisky, aí já com whisky, entendeu? Mas é curioso, a bebida da época era mais o whisky, todo mundo bebia whisky, ou licor, anarquista era eu, eu bebo só Campari, nessa época bebia só Campari, e depois passei para a minha bebida predileta, que é o vinho, eu tomo vinho todos os dias, até por prescrição médica, o meu médico me diz: "Lan, não deixa de beber o seu vinho tinto, porque é por isso que você não tem colesterol, você não tem uma grama de gordura no sangue, e teu coração está jóia", então, lá vou eu a tomar meu vinhozinho depois dessa sessão.

E viver mais 83 anos.

Exatamente, tem que tratar da minha saúde, tem que tomar remédio agora, saindo daqui.

Um vinhozinho.

Está bom, meninos.

Está excelente. Seguiremos a sua receita.